

UMA LÁGRIMA NA FACE DA ÍNDIA

DANIEL NUNES DE SOUSA

UMA
LÁGRIMA
NA FACE DA
ÍNDIA

romance





www.egoeditora.com
geral@egoeditora.com

Ficha Técnica:

Título – Uma lágrima na face da Índia

Autor – Daniel Nunes de Sousa

Composição gráfica – EGO

Imagens da Capa e Contracapa – freepik©

Fotografia do autor – David Sousa©

Revisão de Texto – EGO

Paginação – EGO

Edição – EGO

1ª Edição – Setembro 2018, Lisboa

ISBN – 978-1727498929

Depósito Legal – 446260/18

Impressão e Acabamento – Ulzama Digital

Para o Hugo

©2018, Daniel Nunes de Sousa e EGO Editora

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo sem prévia autorização por escrito da Ego Editora.

Por vontade expressa do autor, o livro está redigido de acordo com a grafia anterior ao AO90, o Novo Acordo Ortográfico.

1

A chuva caía nas ruas de Londres. Os transeuntes lutavam para se manterem em pé e não voarem com o forte vento que se fazia sentir na *Whitechapel Road*. Entravam e saíam a correr dos autocarros vermelhos de dois andares e atropelavam-se descontroladamente. Entre eles, seguia um homem que era o único, ao que parecia, a caminhar apressadamente de queixo erguido, decidido a aceitar a chuva que batia nos seus lábios, que oscilavam entre o sério e o sorriso. Queria chegar ao *Royal London Hospital*, onde trabalhava como enfermeiro no serviço de oncologia pediátrica. Eram quase dezanove horas daquela tempestuosa tarde e apressava-se a percorrer a avenida que o levava ao edifício com mais de duzentos e cinquenta anos. À medida que caminhava, espreitava o relógio e corria contra o tempo, como se alguma vez fosse possível vencer o tempo. Passou pelo porteiro, olhou-o com um sorriso e cumprimentou-o animadamente:

– Senhor Wesley...

– Enfermeiro Noah. Como está hoje?

Mal ouviu as palavras do homem que envergava um traje preto, sentado numa pequena secretária junto à porta de entrada, e que apanhava com o vento que entrava para o interior do hospital. O enfermeiro de trinta anos de idade, com quase um metro e noventa de

altura, de cabelo louro rapado e barba por fazer havia mais de duas semanas, foi directo ao balneário. Vestiu o uniforme de cor azul e colocou a mochila dentro do cacifo. Bateu a porta com ligeira força e dos seus pulmões saiu uma baforada de ar, pesada e melancólica. Deteve-se imóvel por instantes. Baixou a cabeça até ao peito, depois ergueu-a e sacudiu-a com os olhos cerrados como se quisesse afastar todos os pensamentos que o atormentavam.

“*Fuck*, mais um dia”, pensou consigo mesmo.

Dirigiu-se ao gabinete de enfermagem para buscar qualquer coisa e entrou um pouco pensativo. Era um gabinete pequeno, com paredes brancas e duas secretárias com dois computadores modernos. Havia papéis espalhados por todo o lado e um móvel com utensílios para a equipa de enfermagem. Atrás de uma secretária estava uma mulher de estatura baixa, elegante e vistosa, de lábios finos escarlate e cabelo louro ondulado. Levantou os olhos de cor azul, que brilharam entre as sombras das longas pestanas, e sorriu assim que ele entrou.

– Estás melhor hoje? – perguntou Margarete, a sua melhor amiga.

– Um pouco, sim. Mas tu sabes aquilo que eu quero...

– Então de que estás à espera?

Noah suspirou. Bem sabia que ela tinha razão. Recordou o dia anterior, no qual haviam estado juntos num *pub*, e emergiu-lhe no pensamento a conversa que haviam tido. Desviou o olhar para a secretária e mexeu atrapalhadamente nas folhas amontoadas, exibindo um ar confuso e desorientado.

– Caramba, onde é que está o processo? – murmurou com os lábios contraídos, continuando o autêntico vira-e-mexe folhas.

Margarete estendeu o braço e, como se tivesse encontrado uma agulha no palheiro, pegou num bloco de folhas presas por um clip e entregou-lho para as mãos. Olhou para ele e perguntou:

– Estás à procura do processo da Evelyn?

– Como é que adivinhaste? – perguntou Noah com ironia.

Margarete encolheu os ombros como se fosse a resposta mais óbvia.

– Quando ninguém sabe de ti, qual é o único sítio onde podes estar?

– Hmm... no quarto trinta e oito, suponho eu.

– Exactamente!

Pegou num travessão para o cabelo e prendeu-o de lado, deixando uma franja cair para uma face. Recostou as costas na cadeira, cruzou a perna e afastou-se um pouco da mesa. Ficou imóvel a olhá-lo enquanto passava repetidamente os fios de cabelo entre os dedos compridos.

– Bom, então já sabes onde me encontrar a partir de agora: no quarto trinta e oito – continuou, piscando-lhe o olho.

Noah entrou no elevador e saiu na área de internamento do serviço de oncologia pediátrica. Para quem ali andava pela primeira vez, era um ambiente extenuante. Parou a meio do corredor, sentindo que o peito se lhe enchia de angústia, e escondeu o rosto nas mãos. Deu duas palmadas na testa e retomou o caminho até ao quarto. Ao atravessar a porta, ergueu os braços no ar e exclamou num tom alto e alegre:

– Evelyn!

– Noah!

Uma menina, a puxar para os seis anos de idade, afastou os lençóis com as pernas e levantou-se num pulo para se atirar para os braços dele. Com as suas mãos minúsculas, apertou-lhe a face e beijou-o várias vezes.

– Estava a ver que nunca mais chegavas – disse a pequenina.

– Se pudesse teria vindo mais cedo.

– Por que não pudeste? – perguntou, brincando com a barba de cor clara dele.

– Hmm... tive umas coisas para fazer.

– Que coisas?

– Coisas importantes...

– Mais importante do que estares aqui comigo?

Ficou entalado, como se todo o ar se retivesse na garganta. Deteve-se em silêncio e pôs-se pensativo. Olhou para a pequena, espantado, e lançou-lhe um sorriso leve. Abanou a cabeça e cerrou os olhos com certa força.

– Não, tu serás sempre mais importante – respondeu, colocando-a em cima da cama. – Portaste-te bem?

– Claro que sim! O Doutor veio visitar-me hoje.

– Ai sim?

– Sim, ele falou com os meus pais. Estavam todos com uma cara tão estranha – disse, enquanto fazia festas no seu *teddy bear*. Chamava-se Tim.

O prognóstico não era o mais favorável para Evelyn. Tinha leucemia linfóide aguda, um tipo de cancro que progredia rapidamente e, por isso, aquela menina precisava urgentemente de um transplante de medula óssea.

– Os adultos às vezes fazem caras muito sérias, não é?

– Vens visitar-nos esta noite?

– Claro que sim. Fica prometido. *Pinky swear?* – perguntou ele, oferecendo o dedo mindinho.

– *Pinky swear!*

Quando saiu do quarto e entrou no corredor, perpassou-lhe pelo rosto uma expressão de dor, desamparado por um sentimento de incapacidade pelo que via todos os dias. Pôs a ponta dos dedos sobre as pálpebras, apertando-as com ligeira força, e depois, despertado pelo tilintar metálico de um carrinho e uma voz feminina alegre, Noah aproximou-se com pressa, libertando pelo caminho a pressão nos olhos, e uma crescente ansiedade e alegria começaram a crescer dentro de si.

– Vem ajudar mais uma vez a distribuir o jantar, Enfermeiro Noah?

– perguntou uma auxiliar, conduzindo o carrinho com os tabuleiros de comida.

– Sempre que posso, senhora Grace – respondeu, dando-lhe um beijo amistoso no rosto. – Como está hoje?

Aquela senhora, de larga estrutura corporal e cabelo curto, que trabalhava havia mais de trinta anos no hospital, largou o carro e agarrou-se ao enfermeiro.

– Ai, se eu não tivesse mais de sessenta anos...

– O tempo não passou por si.

– Quando é que arranja uma mulher? Um homem tão jeitoso...

– bateu-lhe com as costas da mão no peito. – Já lhe disse que devia conhecer a minha Kristen. Ela é tão bonita.

– Quem sabe, um dia – respondeu, não dando muita importância.

A senhora Grace dizia-lhe aquilo todos os dias. – Como estiveram hoje as coisas por aqui?

A auxiliar parou o carro e o seu rosto mudou de expressão. Chegou-se para perto de Noah e sussurrou-lhe ao ouvido com uma voz trémula:

– Não muito bem. Sabe aquele menino do quarto dezasseis?

– O Henry?

– Sim. Ele não resistiu – disse, baixando o rosto. – Os gritos dos pais devem ter-se ouvido na rua, pobres coitados.

Noah abanou a cabeça, claramente abalado. Estava cansado de ver tantas crianças partirem numa idade tão precoce. Agarrou no carrinho com os tabuleiros de comida, engoliu a notícia em seco e avançou para o primeiro quarto. Ao entrar, a sua expressão mudou de imediato para uma imensa alegria. Ele acreditava que as crianças, embora tão inteligentes, não tinham ainda maturidade suficiente para entender a gravidade de uma doença oncológica, e, por isso, independentemente do que lhe acontecia fora daquele hospital, sentia-se no dever de lhes entregar toda a alegria que elas mereciam.

Era o turno da noite. O relógio marcava duas horas. Voltou ao gabinete da equipa de enfermagem e, da ombreira da porta, esticou a cabeça e perguntou:

– Margarete, queres vir tomar um café?

– Por que não? Bem estou a precisar, esta noite está-me a custar imenso. Tenho tanta coisa para preencher! – barafustou, afastando-se da cadeira.

Caminharam até ao fundo do corredor, para um hall de entrada onde havia uma máquina de café e outra com alguns doces e *sandwiches*. Era um pequeno lobby, onde podiam sentar-se e desfrutar de um café durante a noite, quase sempre ocupada pelo silêncio e a pouca luz. Noah pegou no copo de plástico e levou-o à boca, dando um pequeno gole do café a fumar. Com o olhar fixo no chão, reflectindo, falou para Margarete a meia-voz:

– Já decidi.

– Vais partir?

– Sim, já tratei da minha ausência com a direcção do hospital. Não posso adiar mais os meus sonhos. Já pensaste no quão imprevisível a vida é?

– Noah, por favor, olha onde nós estamos... Vai... vai...

Apertou-lhe levemente o joelho com a mão. Aquele vai saiu-lhe como fogo a passar pela garganta. Margarete apoiara-o sempre. Uma parte de si queria que ele partisse e atenuasse a inquietação que sentia ao continuar com a sua vida em Londres; por outro, feria-lhe a alma saber que não teria o velho amigo ao seu lado nos tempos que se avizinham. Sentiu as lágrimas aflorarem aos olhos e escondeu o rosto para que ele não as visse. Naquele momento, sentiu uma súbita vontade de se ajoelhar e pedir-lhe com as mãos unidas que ficasse do seu lado – “e quem sabe se ao fazê-lo isto não muda o nosso destino”, pensou consigo mesma. Toda ela tremia por dentro. Sentiu a mão de Noah sobre a sua e apertou-a com ligeira força. Ela comoveu-se e uma lágrima descreveu-lhe os contornos do rosto que caiu, pesada e solitária, sobre as mãos. Ele olhou para aquela lágrima e percebeu que Margarete sofria por antecipação à sua ausência, porém nos seus olhos não havia senão uma vontade avassaladora de partir. Limpou-lhe as lágrimas do rosto e lançou-lhe um terno e envolvente abraço.

– Vê lá se te lembras de me enviar um postal, Noah.

– Lembrar-me-ei.

– E fala com a tua família. Acima de tudo, é o mais importante para ti.

Noah levantou-se, deu-lhe um beijo na testa e foi terminar o seu turno. Às três horas da madrugada estava na hora de ir embora. Foi ao balneário, tirou o uniforme e olhou para ele como se fosse a última vez. Fechou o cacifo e abriu a porta de saída. Encostou-se à maçaneta, repensou na sua decisão e, quando olhou para o seu lado esquerdo, viu Evelyn caminhar na sua direcção com o Tim pendurado por um braço.

– O que andas a fazer a pé por estas horas? – perguntou Noah.

– Não tenho sono – respondeu com uma voz meiga.

– Eu vou levar-te à tua cama.

Pegou na pequena Evelyn ao colo e foi deitá-la. Arrastou uma cadeira para junto dela e fez-lhe festas no cabelo, esperando que adormecesse.

– Noah...

– Sim...

– Eu vou morrer?

O rosto de Noah pareceu ali paralisar. Fez um breve silêncio e falou:

– O que diz o Tim sobre isso?

– Às vezes ele fala comigo...

– Ai sim? E ele o que te diz?

– Diz que há um lugar muito mais bonito do que este, com muitas crianças para eu poder brincar – respondeu, com os olhos a fecharem-se lentamente. – Ele diz que está à minha espera...

Evelyn adormeceu e, enquanto dormia profundamente, Noah ficou a olhá-la fixamente, vendo todo o ar sair-lhe pela boca como um sussurro enternecedor. Por vezes ela tremia, e uma fumaça de ar gélido saía da sua boca. Agarrava involuntariamente no Tim e apertava-o contra o peito como se precisasse do seu calor. A luta para viver era extenuante e desanimadora. Os olhos de Noah encheram-se de lágrimas rasas e sentiu-se impotente, mas rápido percebeu e pensou que não era apenas a pequena Evelyn que estava a morrer – “também eu estou a morrer por ter deixado de viver”. Beijou-a delicadamente na face, e foi ali, tão próximo do rosto dela, que percebeu que os seus pulmões gritavam e a pequena sofria. E, por mais que soubesse que precisava de partir, não conseguiu abandoná-la. Sentou-se de novo a olhar para Evelyn, segurou-lhe na mão e pôs-se a pensar:

“Talvez seja um acto egoísta, este o meu, deixar-te aqui sozinha sem saber quando e qual será o teu último sopro. E espero que um dia me perdoes, por me levantar daqui a pouco e olhar-te pela última vez, mas se não o faço agora, acabarei por morrer primeiro do que tu. Entendes isso, minha pequena? Que eu tenho de partir? Que o bom e maravilhoso desta vida é sentirmo-nos vivos?”

Evelyn estremeceu e suspirou longamente. Ele levantou-se e de novo acariciou-lhe a face pálida e beijou-a. Retirou-se na direcção da porta e, lá do umbral, olhou para trás uma última vez. Encheu-se de coragem e empregou o desejo de uma viagem, de uma nova vida que desconhecia e agora começava para ele.